ANDREA BROWN

PAISAGENS DO ANTROPOCENO

THEO MONTEIRO

Se tomarmos por paisagem o conceito proposto pela filósofa Anne Cauquelin, chegaremos à conclusão que não existe paisagem natural, já que toda ela acaba por derivar de uma construção humana. Todavia, como a própria autora aponta, se no passado (e mesmo hoje, para olhares menos treinados) os conceitos de paisagem e natureza andaram abraçados ao ponto de se confundirem, hoje isso não ocorre mais. A globalização e a revolução industrial cortaram esse vínculo de maneira irremediável.

Se antes o ser humano estava inserido na natureza, pode se dizer agora que o mesmo a domesticou e a alterou de forma profunda, se tornando ele próprio uma era geológica, da qual cientistas e estudiosos como Bruno Latour convencionaram chamar de "antropoceno". O antropoceno altera o clima, os biomas, a relação com o tempo e, por que não, a paisagem. Em um mundo onde a artificialidade impera, a paisagem, agora devidamente divorciada da ideia de natureza, se consolida enquanto construção e cálculo humano.

A presente exposição apresenta dois artistas cariocas: Andrea Brown e André Andrade que, cada um à sua maneira, se debruçam sobre a paisagem do antropoceno. Brown olha, com sutileza, para a cidade, para o ambiente urbano. Para Cauquelin, seria essa a paisagem por excelência, já que sua constituição seria "mais marcada, constante e coagente" e onde tudo seria "moldura e enquadramento, jogo de sombra e luz". Na metrópole contemporânea, como bem aponta o historiador Richard Sennett, não existe mais conexão entre o corpo humano e a cidade. Os logradouros e espaços públicos teriam sido reduzidos a meros locais

de passagem, muitas vezes desprovidos de qualquer escala humana e marcados por aridez e impessoalidade.

Se Mondrian se inspirou nas fachadas da metrópole moderna para criar seus planos, linhas e cores, a artista em questão avança rumo ao interior dessas fachadas, para aquilo que elas abrigam, escondem. A partir de construções geométricas regulares, Brown evoca elementos que remetem diretamente ao interior das casas: muxarabis, cobogós, pisos, janelas, escadas e etc. Todos dispostos geometricamente, criando jogos visuais ordenados. Ainda que silenciosos e impessoais, esses elementos nos remetem diretamente ao universo doméstico, do abrigo. Um dos poucos recintos do antropoceno no qual a escala humana ainda persiste, carregando consigo memórias, afetos, sensibilidades e individualidades.

Esse espaço, ainda que geométrico, é também, como diria Gaston Bachelard, um espaço vivido. Ao resgatar a paisagem doméstica, Andrea Brown reafirma seu interesse pelo que seria talvez a mais humana das paisagens.

André Andrade, por sua vez, busca enfatizar o processo de criação das paisagens e imagens que compõe nosso cotidiano, ressaltando o papel desses instrumentos de mediação entre imagem e espectador. Através de suas pinturas de grandes dimensões, o artista disseca essas paisagens, ressaltando seu caráter artificial, construído, e por vezes distorcido, defeituoso, diluído e impreciso.

Um de seus principais alvos são as imagens geradas por televisores ou câmeras. Ele as pinta não acabadas e prontas para serem devoradas por nossos olhares, mas sim em momentos de falha de transmissão, quando entram em cena ruídos, chuviscos e sinais de interferência. Suportes naturais também são importantes no trabalho de Andrade. Uma de suas primeiras pinturas consiste justamente na imagem de uma pessoa refletida na água: reflexo distorcido, impreciso e fugidio. Nem mesmo a alta cultura escapa de seu curioso olhar: o célebre pintor norte-americano Mark Rothko é citado em um acrílico. Os chamados “color fields” que marcaram a pintura do grande mestre abstrato não se revelam totalmente, pois acabam interrompidos por uma opaca estrutura de acrílico que envolve a tela. O artista aqui acaba traindo um espectador ávido por consumir imagens, trazendo-as dissecadas, inacabadas, incompletas.